

O PARADIGMA DE PESSOA E LIBERDADE EM MOUNIER: A RAIZ DO PERSONALISMO

João Francisco Cócaro Ribeiro¹

RESUMO: O artigo vislumbra realizar o escrutínio da filosofia de Emmanuel Mounier, isto é, explicitar a "raiz do personalismo", paradigma exposto nos livros *O Personalismo* e *Introdução aos Existencialismos*; o estudo proporciona uma discussão teórico analítica da concepção de pessoa, liberdade e condição humana.

PALAVRAS-CHAVE: Emmanuel Mounier. Pessoa. Liberdade. Condição Humana.

THE PARADIGM OF PEOPLE AND FREEDOM IN MOUNIER: A ROOT OF PERSONALISM

ABSTRACT: The article aims to carry out the scrutiny of the philosophy of Emmanuel Mounier, that is, to explain the "roots of personalism", a paradigm exposed in the books *Personalism* and *Introduction to Existentialisms*; the study provides an analytical theoretical discussion of the conception of person, freedom, and human condition.

KEYWORDS: Emmanuel Mounier. Person. Freedom. Human Condition.

INTRODUÇÃO

As tentativas filosóficas da história, na sua maioria das vezes, consideraram o ser humano como composto de dois elementos independentes e justapostos: um material e outro espiritual.

¹ Graduando em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Santo Ângelo. email: joao-cocaro@hotmail.com

Diante disso, a significação filosófica do Personalismo de Mounier está exatamente na concepção unitária da pessoa como corpo e espírito. É preciso, segundo Mounier, superar essa dissociação perniciosa e pensar o ser humano de forma integral, se se quiser realmente entender o que seja a pessoa humana. Superar, portanto estes 'resíduos cátaros da filosofia', é fundamental para se pensar a pessoa em sua totalidade.

Na perspectiva personalista de Mounier o ser humano é "integralmente 'corpo' e é integralmente 'espírito'" (MOUNIER, 1960, p. 36). O ser humano se encontra profundamente enraizado na natureza. Há uma série de elementos que o condicionam: determinações psicológicas, natureza material, participações sociais não personalizadas (MOUNIER, 1960, p. 38). Trata-se de um conjunto de condicionamentos que não podem ser tomados como simples circunstâncias acidentais, mas como componentes fundamentais da realidade humana.

O meu feitio e a minha maneira de pensar são amoldados pelo clima, a geografia, a minha situação à face do globo, a minha hereditariedade, e talvez, até, pela ação maciça dos raios cósmicos. Para além destas determinações influenciadas, temos ainda posteriores determinações psicológicas e coletivas. Nada há em mim que não esteja imbuído de terra e sangue (MOUNIER, 1960, p. 36).

Segundo Mounier, o pensamento cristão sempre pensou esta unidade: "nunca opôs 'espírito', 'corpo' ou 'matéria', na aceção moderna deste termo" (MOUNIER, 1960, p. 36). Para a base do cristianismo o próprio espiritual é carnal. Por isso, "o cristão que fala com desprezo do corpo e da matéria, fá-lo contra sua mais central tradição" (MOUNIER, 1960, p. 37). O corpo, a matéria, contudo, na aceção dos gregos, ao contrário da base do cristianismo, foi considerado com desprezo. Desconsiderou-se que o ser humano é um ser corporal. É através do corpo que o ser humano se enraíza, faz parte concretamente na natureza.

O ser humano é integralmente corpo e espírito. Daí a importância de se considerar o inconsciente psicológico, a natureza exterior como constituinte da existência humana. Nesta perspectiva não há mais lugar para dualismo. É pela corporeidade que o ser humano se insere na dinâmica da natureza, seguindo os impulsos da corrente da vida. Quer dizer, o desenvolvimento espiritual do ser humano se encontra profundamente ligado com o corpo, a matéria: "estudos vários demonstram que as grandes religiões seguem os mesmos caminhos que as grandes epidemias" (MOUNIER, 1960, p. 36). Trata-se, portanto, de um pensamento que toma a pessoa como expressão bivalente de uma unidade fundamental.

Não posso pensar sem ser, nem ser sem o meu corpo: através dele, *exponho-me* a mim próprio, ao mundo, aos outros, através dele escapo à solidão dum pensamento que mais não seria do que pensamento do meu pensamento. Recusando-se a entregar-me a mim próprio,

inteiramente transparente, lança-me sem cessar para fora de mim, na problemática do mundo e nas lutas do homem. Através das solicitações dos sentidos lança-me no espaço, através do seu envelhecimento ensina-me o tempo, através de sua morte lança-me na eternidade. A sua servidão pesa-me, mas ao mesmo tempo é base para qualquer consciência e para toda a vida espiritual. É mediador omnipresente da vida do espírito (MOUNIER, 1960, p. 47).

Mounier quer, na verdade, desfazer a ideia, segundo a qual tudo o que se aproxima da alma e do espírito é divino e tudo o que se aproxima do corpo é superficial e, por que não dizer, maligno. Pois, segundo ele, "já nos Evangelhos a malícia e as perversões do Espírito provocaram mais maldições do que as da 'carne', no sentido restrito da palavra" (MOUNIER, 1960, p. 37). É através do corpo que o ser humano se acha em profunda sintonia com a natureza. É através dele que se manifesta, que se mostra o espírito humano. Enfim, "efetivamente, *existir subjetivamente, existir corporalmente* são uma única e mesma experiência" (MOUNIER, 1960, p. 47).

A PESSOA: IMERGENTE/EMERGENTE NA/SOBRE A NATUREZA

A existência pessoal encontra-se profundamente enraizada na natureza, mas também é mais do que simples determinismos. Não há, com certeza, como negar que a pessoa está mergulhada na natureza. Agora, a pessoa é capaz de transcendê-la. A pessoa imersa na natureza, emergindo dela, transcende. É essa dialética do contínuo compromisso entre a natureza e a transcendência humana uma das mais fortes expressões do Personalismo de Mounier.

Há toda uma série de determinismos que asseguram, que limitam o ser humano. A natureza, devidamente encarada, como dizia Mounier, resume-se "num feixe infinitamente complicado de determinações (MOUNIER, 1960, p. 39). Contudo, qualquer tentativa de redução da pessoa em artifícios lógicos de relações não expressa mais do que um belo artifício de laboratório. Porque a pessoa além de ser natural, é um ser humano. O ser humano não é apenas natural, não é um simples brinquedo da natureza. É capaz de transcender a natureza, por isso, somente pode ser captado a partir de um exercício vivo de sua atividade global.

A dificuldade, porém, é fazer este exercício de transcendência. O espírito humano tem uma certa tendência de resistência "à representação duma realidade que esteja inteiramente inserida numa outra, na sua existência concreta, e que, no entanto, lhe seja superior em nível de existência" (MOUNIER, 1960, p. 38). O ser humano é uma permanente tendência para o nivelamento. Agora, para além dessa tendência negativa, o ser humano tem uma capacidade distintiva que o impulsiona à transcendência. Ele é capaz de romper com os determinismos, com a inércia de movimentos, com

os automatismos, porque é capaz de conhecer esse universo que o absorve e, por isso, pode o transformar. Além do mais, possui capacidade de amar, de liberdade, de superar rígidos determinismos.

Não há como negar a natureza. Esse é fator essencial da situação pessoal. A pessoa, contudo, não se mantém imersa, não se contenta com sofrer a ação da natureza. É capaz de voltar a ela e impor a capacidade de seu universo pessoal. É neste sentido que Mounier afirma que as descobertas dos numerosos e estreitos determinismos que encerram o ser humano são sempre fator de libertação para o homem que, buscando, transcender a natureza, pode servir-se de seus determinismos.

O homem não é encerrado no seu destino pelo determinismo. Se nos mantemos concretamente ligados a numerosos e estreitos determinismos, cada novo determinismo que os sábios descobrem é mais uma nota na gama de nossa liberdade. Enquanto se desconheciam as leis da aerodinâmica, os homens sonhavam voar; quando o seu sonho se inseriu num feixe de necessidades, voaram. Sete notas são pequeno registo: no entanto, foi com estas sete notas que vários séculos de invenção musical se estabeleceram. Aquele que invoca fatalidades naturais para negar as possibilidades do homem, abandona-se a um mito ou tenta justificar uma demissão (MOUNIER, 1960, p. 41).

Mounier destaca que “desde as formas mais elementares de minha existência me afirmo como pessoa e, nunca sendo fator de despersonalização, muito pelo contrário, a minha existência incarnada é fator essencial de minha situação pessoal” (MOUNIER, 1960, p. 47). Contudo, apesar de ter presente que facilmente o ser humano pode alçar voos que permitem a personalização, sabe que muitas vezes os homens têm se jogado na multiplicidade das determinações naturais, deixando-se levar pelo automatismo, hábito, rotina, ideia geral, etc.

Por isso, uma das principais atitudes do personalismo é de consciência pessoal diante o meio natural. A primeira atitude de grandeza está na aceitação do real. Sem se adaptar aos condicionamentos dos determinismos que se descobre, a pessoa pode transcendê-los, fazer deles pedestal para a personalização. “Numa primeira fase, a consciência pessoal afirma-se assumindo o meio natural. A aceitação do real é a primeira tentativa de toda a vida criadora. Aquele que a recusa delira, e a sua ação perde-se” (MOUNIER, 1960, p. 49). Porém, este é apenas o primeiro passo. Não se pode parar na aceitação dos determinismos da realidade humana. Pois, a exploração da natureza tem como fim articular sobre ela, perante a liberdade, possibilidades de humanização, não apenas compreensão dos feixes dos determinismos.

É a força da afirmação pessoal que destrói os obstáculos e rasga novos caminhos. É por isso que devemos negar a natureza como dado, para a afirmar como obra, como obra pessoal,

suporte de toda a personalização. Então a dependência da natureza torna-se *domínio* da natureza, o mundo insere-se na carne do homem e no seu destino (MOUNIER, 1960, p. 49).

Da forma como foi exposto acima, contudo, poderia parecer uma entrega do ser humano a uma desenfreada submissão da natureza ao seu domínio. Por isso, é preciso dar um sentido a esta ação sobre a natureza. Caso contrário, corre-se o risco de impulsionar o desenvolvimento de catástrofes. Não se trata de um delírio de afirmação pessoal, delírio manifesto por Ford quando o perguntaram por que o desenvolvimento incessante das suas empresas, respondendo "Porque não posso parar", mas de uma libertação da humanidade a partir da natureza. Não pode ser tomado como uma relação de senhor e escravo, pois "a pessoa só se liberta, libertando. E é chamada tanto para libertação da humanidade, como as coisas" (MOUNIER, 1960, p. 49).

Não se mantém, dessa forma, uma relação de exterioridade com a natureza. O ser humano se apoia nela para vencê-la. Humanizando-a o ser humano também se humaniza. Sob essa concepção, o desenvolvimento técnico assim como a produção, adquirem um sentido profundo. A técnica e produção precisam possibilitar o instaurar de um mundo de pessoas, desde que não se entregue em interesses parasitas ou à sua própria embriaguez. Se tornará libertante na medida em que for modelada às exigências do "ser" pessoal.

Neste sentido, *produzir* é uma atividade essencial da pessoa, desde que demos à produção essa total perspectiva que faz com que ela arraste as mais humildes tarefas no sopro divino que impele a humanidade. [...] É verdade o poder de abstração da máquina é assustador: rompendo os contatos humanos, pode fazer esquecer, mais do que nenhuma outra força, os homens que compromete, que por vezes esmaga; perfeitamente objetiva, inteiramente explicável, faz perder o hábito da intimidade, do segredo, do inexprimível; dá aos imbecis meios inesperados; e, acima disto, diverte-nos fazendo-nos esquecer as suas crueldades. Entregue ao seu peso cego, é uma poderosa força de despersonalização. Mas não o é senão desligada do movimento que a suscita, como instrumento de libertação do homem das servidões naturais e de reconquista da natureza (MOUNIER, 1960, p. 51-52).

Não obstante a todas as investidas do universo pessoal ante a natureza, esta, também se apresenta em constante ameaça de despersonalização. Todo movimento de personalização traz em si inúmeras dificuldades, pois "a matéria é rebelde e não somente passiva; ofensiva e não somente inerte" (MOUNIER, 1960, p. 53). Nada da relação pessoal com a natureza permite uma harmonia. "Em toda a parte onde a pessoa leva a sua luz, a natureza, corpo e matéria, insinua a sua opacidade: debaixo das fórmulas do sábio, debaixo da claridade da razão, debaixo da transparência do amor" (MOUNIER, 1960, p. 53). O ser humano não pode se entregar a ideia de que um dia irá submeter totalmente o mundo. Pois, o ser humano se encontra num "otimismo trágico onde encontra a sua justa medida num clima de grandeza e de luta" (MOUNIER, 1960, p. 54).

A pessoa, portanto, não é apenas dado. Ela é também projeto, capaz de superar os condicionamentos que a natureza lhe impõe. Não se trata de pura passividade, é um chamado a existência. Cada ser humano precisa se humanizar. É um chamado à responsabilidade. “O inseto que se confunde com um ramo, para se fazer esquecer na imobilidade vegetal, prefigura o homem que se enterra no conformismo para não assumir as responsabilidades próprias, o que se entrega as ideias gerais ou às efusões sentimentais para não ter que afrontar fatos e homens” (MOUNIER, 1960, p. 19). A pessoa é capaz de se libertar, de se apossar de si e se tornar disponível aos outros. Mas, somente assim o faz aquele que não se entrega à morbidade vegetal.

Para Mounier, o ser humano, em oposição às coisas, manifesta o pulsar incessante de sua riqueza. Ele pode, sem dúvida, viver conforme uma pedra. Pode viver, como destacaram vários filósofos: no divertimento, no estado estético, na vida inautêntica, na alienação, na má-fé (MOUNIER, 1960, p. 78). Mas pode transcender. É chamado a transcender. Voltando-se à natureza, o ser humano é capaz de se lançar nos mais recônditos recantos do universo. Se recua é para poder saltar melhor.

Essa rica dimensão de ultrapassamento do ser humano a partir da natureza é bem destacada por Mounier, através da metáfora do avião e da bicicleta: “tal como a bicicleta ou o avião só se equilibram quando se movem para lá dada força, o homem só se mantém de pé com um mínimo de força ascensional” (MOUNIER, 1960, p. 124). Sendo assim, a busca da transcendência da pessoa não se dá numa simples agitação, mas na negação do ser isolado no seu brotar. “A vida pessoal começa com a capacidade de romper contatos com o meio, de *ripostar*, de *recuperar*” (MOUNIER, 1960, p. 78).

Uma das manifestações de que o ser humano não é simples juguete nas mãos da natureza, é a sua singularidade, individualidade. A pessoa não é simples ‘coisa’ que pode ser captada ao final de suas análises. A pessoa é “inconfundível com os objetos ou com os seres da natureza, cada pessoa é um universo pessoal” (LORENZON, 1996, p. 70). Ela traz o seu segredo, é capaz, através de um só golpe, romper com os agulhões que a prendem, sem, porém, libertar-se por completo. Mounier, portanto, destaca a impossibilidade de se chegar aos santuários da pessoa sem atravessar a vida vegetativa. Por isso, é também preciso estar sempre vigilantes para que o peso vegetativo não abafe a capacidade de romper, de ir além, enfim, de transcender a realidade dada.

Muitas vezes, buscou-se um ideal de existência onde nada mais pesaria. Tal ideia se apresenta completamente contra uma genuína afirmação da existência. Aquele que nega os

condicionamentos a que o ser humano se encontra submetido, nega também a vida. Por isso, transcender é lutar contra o sono vital, à inércia material. Acontece, porém, que “a maioria dos homens prefere a escravidão na segurança ao risco na independência, a vida material e vegetativa à aventura pessoal” (MOUNIER, 1960, p. 103). Isto também revela a facilidade de se deixar levar pela vida vegetativa.

O homem é um perene compromisso, uma constante melodia tocada simultaneamente em dois teclados. Por isso, quando se encara a melodia tal qual soa como se viesse de um único teclado, foge-se, deixa-se escapar sua realidade. Percorridos os diversos pontos em que se mostra a condição do homem, pode-se dizer que ele é um ser encarnado, situado, imerso na natureza, mas é forçoso reconhecer que em cada um destes pontos onde se vê realçada esta imersão, tem-se o reverso da medalha, tem-se a nota da transcendência do homem (SEVERINO, 1983, p. 58).

É nesta noção de pessoa que vai se situar a liberdade humana. Liberdade enquanto transcendência da natureza dada.

A CONDIÇÃO HUMANA E A LIBERDADE

O sentido da liberdade, em Mounier, está profundamente enraizado na sua noção de pessoa. Todo o desenvolvimento anterior, neste sentido, foi necessário para a compreensão do sentido que Mounier dá para a liberdade. A liberdade, para Mounier, não é algo de volátil, mas se dá na emergência da pessoa sobre a natureza. Trata-se, no fundo, de uma liberdade com condições, sendo a mais alta expressão da transcendência humana.

A liberdade, na verdade, já recebeu muitas conotações. Os liberais se proclamam os maiores defensores. Marxistas os combatem defendendo “verdadeiro ‘reino da liberdade’ para lá das caricaturas” (MOUNIER, 1960, p. 105). Existencialistas e cristãos, por sua vez, também colocam a liberdade no centro de suas reflexões, embora suas concepções não coincidam e, ainda, diferem-se das duas anteriores. Vê-se a dificuldade do tratamento da questão. A causa da dificuldade está, para Mounier, no fato de se isolar a liberdade da estrutura total da pessoa, exilando-a em alguma aberração (MOUNIER, 1960, p. 105). Decorre daí, uma concepção de liberdade, em Mounier, completamente vinculada a sua noção de pessoa.

O ser humano, desde sua emergência até os nossos dias atuais, sempre teve consciência de sua profunda ligação com as determinações naturais. Essa ligação, contudo, nem sempre foi expressa de maneira muito clara. Neste sentido, o ser humano primitivo projetava em seres sobrenaturais a origem dos acontecimentos desses determinismos. Mas, apesar de se sentir

profundamente escravizado, preso às forças naturais, o ser humano sempre manifestou a possibilidade da liberdade. Pois, o fato de projetar em seres sobrenaturais a explicação dos determinismos, já manifesta um certo inconformismo com o determinismo.

A explicitação cada vez mais clara do que consiste à liberdade, impulsionou a criação de instituições que procuram assegurar o pleno exercício das liberdades. Trata-se de uma noção que busca proporcionar liberdade eliminando determinações concretas. A mais alta manifestação dessa ideia é a Revolução Francesa. Esta, de certa forma, sintetiza todas estas aspirações à liberdade, promulgando o direito à liberdade (SEVERINO, 1983, p. 57).

Conscientizado dela, afinal “se não existe liberdade, que somos nós? Joguetes em pleno universo” (MOUNIER, 1960, p. 105), o ser humano procura determiná-la. Sente vontade de tocá-la, tal como toca num objeto ou, se assim não o fosse possível, pelo menos demonstrá-la em um teorema, a fim de fugir da angústia de não a ter. Agora, todos os seus esforços são em vão. Querer sentir a liberdade em suas mãos é uma ideia ilusória do ser humano, pois ela jamais tolera qualquer determinação.

A liberdade, pois, não pode ser assentida numa observação objetiva. Para Mounier, “não há no mundo objetivo senão coisas dadas e situações que se cumprem” (MOUNIER, 1960, p. 106). Esta impossibilidade de assentar definitivamente que há liberdade no mundo, provoca uma terrível angústia. É-se forçado a crer que o ser humano se encontra entregue ao sabor dos determinismos. Mesmo que a procure, jamais a encontrará em meio às coisas no mundo dos objetos.

Diante desta situação angustiante, acabou-se formulando uma concepção negativa da liberdade humana, entendendo-a como falhas nos determinismos causais, a fim de que encontre a existência objetiva da liberdade. “Mas o que posso fazer com lacunas? E é assim que nunca chegamos a descobrir, não diremos na natureza, mas ao seu nível, mais do que duas formas mal-entendidas de liberdade” (MOUNIER, 1960, p. 106). Quer dizer, os mais variados argumentos que se possa tirar dessas lacunas presentes no determinismo, não se poderá concluir daí senão duas formas bastante diminuídas de liberdade: uma da indiferença, onde reinaria a indeterminação total; outra, baseada numa eventual falha dos determinismos.

“Fez-se um grande alarde com as novas perspectivas que a física moderna veio abrir, quis-se obrigá-la a ‘provar’ a liberdade. Era uma ideia totalmente errada de liberdade. A liberdade do homem não é ‘resto’ duma adição universal” (MOUNIER, 1960, p. 106). Mas, o que garante que o

indeterminismo físico constatado não seja simples lacuna do conhecimento humano? Antes de ser uma autêntica afirmação da liberdade humana, é a plena manifestação do quanto a ciência moderna e/ou o positivismo se encontram assentados sob frágeis pretensões de perscrutar os mais recônditos rincões do universo. Pois, a "liberdade não se ganha contra os determinismos naturais, conquista-se por cima deles, mas com eles" (MOUNIER, 1960, p. 107). Que isto quer dizer? A liberdade não é simples coisa, relegada aos pequenos espaços de indeterminismos. Contudo, ela não se dá contra os determinismos. A liberdade está situada sobre eles. Sendo assim, da mesma forma que a pessoa transcende a natureza, também a liberdade transcende os determinismos.

A liberdade prolonga-se na natureza. Determinismo e liberdade não são da mesma ordem, mas se interpenetram; não se opõem senão por transcendência. Ente eles há uma relação de apoio e condicionamento. A liberdade deverá apoiar-se sobre suas próprias condições para construir-se, mas exercendo-se, superará a natureza, sendo para o homem, uma característica original e insuperável (SEVERINO, 1983, p. 68).

A ciência, portanto, nada tem a dizer a favor da liberdade. Sendo assim, também não tem como renunciá-la, contestá-la. A única coisa que ela mostra é que o universo não é totalizável no plano do determinismo e que ela prepara, lentamente, condições de liberdade. Quer dizer, estas pequenas partículas materiais jamais podem ser tomadas como prova da existência da liberdade no mundo. Esse indeterminismo, no máximo, revela uma preparação lenta e contínua das condições de liberdade como bem o mostra a própria história da evolução. Todavia,

A liberdade não resulta destes preparativos como fruto da flor. No mistério das forças naturais que os atravessam e misturam, foi reservado para a insubstituível iniciativa da pessoa reconhecer os declives cúmplices da sua liberdade, escolhê-los e neles se comprometer. É a pessoa que se faz livre, depois de ter escolhido ser livre. Em parte, nenhuma encontrará a liberdade dada e constituída. Nada no mundo lhe garantirá que ela é livre se não entrar audaciosamente na experiência da liberdade (MOUNIER, 1960, p. 108).

Não se pode cair, porém, ao outro extremo. Uma vez afirmado que a liberdade não é uma coisa, muitos a reduzem a pura subjetividade, como faz Sartre. Este defende que o *em si* (ser objetivo) seria sempre idêntico, imóvel. O *para si* (ser subjetivo), ao contrário do *em si*, manifestação sempre espontânea, existência livre sempre renovada, auto invenção, sem limitação alguma, enfim, subjetividade absoluta.

A liberdade tomada dessa forma é um mito, pois não responde a apelo algum. Está certo que a noção de natureza, que inclui permanência e objetividade na ideia de liberdade, encontra-se

repleta de confusões. Mas, nem por isso deixa de ter algo que seja realmente real. Mas, na medida em que assim se toma, a liberdade não responde a nada anterior a ela, pois se assim acontecesse deixaria de ser liberdade. A pessoa não seria mais do que aquilo que ela a si própria se faz, “nela e por ela invento meus motivos, os valores e o mundo comigo, sem apoio de auxílio” (MOUNIER, 1960, p. 109).

Segundo Mounier, afirmar que o ser humano é um ser que existe é afirmar que ele é incessantemente aquilo que se faz. Trata-se de uma “existência que nada mais pesaria; existência contra a natureza, que leva à falha ou à inumanidade” (MOUNIER, 1960, p. 85). A noção de natureza, sem dúvida, é confusa e, por isso, precisa ser repensada. Afirar que a liberdade não é pura espontaneidade é afirmar que o ser humano não é somente aquilo que se faz, é assumir que “a existência, ao mesmo tempo que é manifestação espontânea, é também espessura, densidade; ao mesmo tempo que é criação, é dado” (MOUNIER, 1960, p. 109), como se viu ao falar de imergência e emergência da pessoa.

O ser humano faz parte do mundo. O mundo é anterior ao homem. “Não sou simplesmente o que faço, o mundo não é somente o que quero” (MOUNIER, 1960, p. 109). Caso assim não o fosse nem seria possível de falar de humanidade, de história. Somente há humanidade porque perfaz a condição humana ser encarnado, viver situado, que exige limitações em seu ser, em sua liberdade. Se não se leva em consideração a condição global do ser humano, então facilmente se cai em ideias sem fundamentação, onde se explica toda a realidade a partir de uma ideia unilateral. Agora, na medida em que se assume a condição humana, então torna-se visível que

Há na própria liberdade um peso múltiplo, o que lhe vem de mim próprio, do meu ser particular que a limita, o que lhe vem do mundo, das necessidades que a constroem e dos valores que a primem. A sua gravitação é verdadeiramente universal. Quando o esquecemos, subtiliza-se e tende a transformar-se numa sombra, numa ideia de consistência, num sonho impossível; é amorfa e pensam-na absoluta (MOUNIER, 1960, p. 109).

Ainda, uma liberdade que brota como puro fato é uma natureza cega. A liberdade, neste sentido, é tomada como uma condenação. Sendo assim, como a liberdade pode ser do homem se ele não a pode recusar? Vê-se o tamanho da confusão. Para Mounier, a liberdade não é uma condenação a qual o homem está sujeito. Ao contrário, é um dom. O ser humano pode aceitá-la, como recusá-la. Ou seja, o ser humano livre é aquele que pode escolher por aceitar ou escolher por errar. Caso a liberdade fosse uma condenação “as liberdades não mais cooperariam mutuamente,

porque a única modalidade de união seria a escravização de uma liberdade por outra” (SEVERINO, 1983, p. 69).

Poder-se-ia, ainda, perguntar o que aconteceria num mundo onde cada liberdade surgisse de forma isolada. Citando Bakounine, Mounier afirma: “Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me rodeiam, homens e mulheres, forem igualmente livres [...] Só me torno livre através da liberdade dos outros” (MOUNIER, 1960, p. 111). Agora, essa visão é completamente excluída, segundo Mounier, de uma concepção que toma a liberdade como não sendo possível de se unir a outra. Pois, a liberdade é cooperação. “A liberdade da pessoa cria à sua volta liberdade, por uma leveza contagiosa – tal como inversamente a alienação engendra a alienação” (MOUNIER, 1960, p. 111).

Tanto se falou aqui de liberdade, mas quase somente no seu sentido negativo. Se a liberdade não é uma coisa nem manifestação espontânea, então o que é liberdade? Para Mounier, “a liberdade é afirmação da pessoa, vive-se, não se vê” (MOUNIER, 1960, p. 106). Ao tratar da liberdade, Mounier a trata a partir da condição total da pessoa. Irredutível a uma coisa natural ou a uma espontaneidade vital, a liberdade, nesta perspectiva personalista de Mounier, é “fonte viva do ser” (MOUNIER, 1960, p. 111) e como tal atinge todo e qualquer ato humano, transfigurando-o. “Neste sentido e somente neste sentido, o homem é inteiramente livre e sempre livre, interiormente e quando o quiser” (MOUNIER, 1960, p. 111).

Vê-se que a liberdade está em profunda relação com a condição global da pessoa. A liberdade “do homem é a liberdade *duma pessoa, desta pessoa*, assim constituída e situada em si própria, no mundo e perante os valores” (MOUNIER, 1960, p. 112). Que isto quer dizer? Que a liberdade se encontra estreitamente condicionada pela nossa situação concreta. Isto é, da constituição e limitação humana resulta a concomitante limitação da liberdade humana: ela é condicionada. Neste sentido, o primeiro passo é de tomar consciência de sua situação e aceitá-la. Nem tudo será sempre possível. Por isso, somente é possível se libertar de suas servidões, aquele que toma consciência de que está sendo escravizado. A liberdade, portanto, possui condicionamentos. Por isso,

[...] antes de proclamarmos a liberdade nas constituições, ou de a exaltar em discursos, temos que assegurar *comuns* condições de liberdade, biológicas, econômicas, sociais, políticas, que permitem às forças médias a participação nos mais elevados apelos da humanidade; temos que nos preocupar com *as* liberdades, tanto como com a liberdade. Defender ‘a liberdade’ sem outra indicação, sempre que um ato do poder ou um estado de

coisas a limitam, é condenarmo-nos a tomar posição ao lado de forças do imobilismo contra as forças dos movimentos (MOUNIER, 1960, p. 113).

A nossa liberdade é liberdade de pessoas situadas, e é também liberdade de pessoas valorizadas. Não se é livre apenas quando se exerce a espontaneidade, torna-se livre se se der a essa espontaneidade o sentido duma libertação, ou seja, duma personalização do mundo e de si próprio. A pessoa, portanto, é chamada a se libertar e libertar os outros. Essa libertação não significa a eliminação de todos os condicionamentos. Ao contrário, os condicionamentos são apoio para melhor avançar. Por isso, a liberdade não pode ser usada de forma arbitrária, como simples manifestação espontânea, mas sim deve ser dirigida, conclamada, invocada.

Mounier defende a necessidade de não se negar os condicionamentos, pois a liberdade precisa ser conquistada com eles. Tal como é preciso se inserir na história se se quer conhecê-la, é necessário procurar a forma da natureza para daí buscar a libertação. Não se pode, porém, aderir em demasia aquilo que condiciona. A liberdade humana, na verdade, é tomada de forma muito modesta por Mounier, pois é condicionada por todos os lados, mas nem por isso deixa de ser intrépida e audaciosa.

Embora modesta, a liberdade do homem deve ser intrépida. Tem-se denunciado o espírito de evasão que descia das tarefas viris. Numa época cada vez mais vergada ao peso do que supõe serem fatalidades, de tal forma roída de preocupações e angústias que está pronta a vender a sua liberdade por um mínimo de segurança, não é menos urgente denunciarmos o espírito de escravidão e suas formas larvadas (MOUNIER, 1960, p. 116).

O espírito da liberdade, apelo original da existência pessoal, está sempre em luta com o peso da gravidade que sempre atrai os homens para a alienação. O ser humano está sempre em busca da libertação, mas jamais a atingirá em definitivo. Através da liberdade são destruídas muitas alienações, isto é, situações que esmagam a pessoa humana, entregue a forças impessoais. Não se pode negar absolutamente esta característica da autonomia da consciência pessoal diante dos condicionamentos. Por aí se manifesta a transcendência da pessoa sobre a natureza: a retomada pessoal dos valores mostra o domínio do homem sobre a natureza. Mas, toda manifestação de transcendência humana traz consigo a alienação. "Sempre que a liberdade tenta seus voos, a natureza prende-a com mil laços" (MOUNIER, 1960, p. 53).

As sujeições que atingem a nossa existência impõem a qualquer situação humana uma alienação mais ou menos difusa: pertence à condição humana aspirar indefinidamente à autonomia, tentar sem cessar atingi-la, e sem cessar falhar na sua procura. Para que fossemos libertados de qualquer ocasião de alienação, era preciso que a natureza fosse inteiramente inteligível, a comunhão permanente, universal e perfeita, e total a posse de

nossos ideais. Mesmo as alienações históricas, as que só duram algum tempo, nos deixam sem tréguas; destruída uma, outra, nova, surge; toda a vitória da liberdade se vira contra ela própria e atrai novos combates; a batalha da liberdade não termina (MOUNIER, 1960, p. 117).

A liberdade humana, portanto, tem essencialmente elevação e queda. Consegue despertar e arrancar os espíritos do mais profundo sono. Mas, na medida em que comemora, já é lançada a começar novamente a batalha, a fim de lutar contra a alienação da nova situação conquistada. “Assim, de luta em luta, de queda em queda, de vitória em vitória, nesta interminável dialética da fragilidade da pessoa, a liberdade deve ser sempre reconquistada” (SEVERINO, 1983, p. 71). Trata-se de uma liberdade que combate. Aqui reina uma atitude de ‘otimismo trágico’, onde se encontra a justa medida num clima de grandeza e de luta.

Esta luta constante pela liberdade contra as alienações é marcada pelo ‘batismo da escolha’. O ser humano tem o poder de escolher. “Optando por isto ou por aquilo, opto de cada vez indiretamente por mim próprio, e na opção me edifico” (MOUNIER, 1960, p. 118). Com as escolhas torna-se possível de romper com as fatalidades, criando uma ordem e uma nova inteligibilidade. Mas, toda escolha exige do ser humano o arriscar-se na incerteza, sendo somente por ela que o mundo avança e se forma. Se não fosse a liberdade não haveria criação de novas ordens para além dos jogos de força.

O centro da liberdade, porém, não é o poder de escolha, como o quis afirmar uma certa ‘miopia filosófica’. A soberania da liberdade está no seu poder de libertação da pessoa. Neste sentido, “a liberdade humana não se confunde com liberalismo, mas é também adesão” (RUEDELL, 1985, p. 41). Esta nunca poderá ser imposta do exterior, mas sempre conquistada, assumida interiormente. Neste sentido, reduzir a liberdade a ideia do poder de opção, é fazer com que a liberdade perca o seu ímpeto. Caso assim não o fizer, a liberdade logo perderá o que tem de mais precioso. Pois, a liberdade, como afirma Mounier em *Qu’est que le personnalisme?*

É viva, sentida num esforço de libertação mais do que em facilidades herdadas, uma liberdade dramática, conquistada e disputada contra suas próprias obras, uma liberdade devotada em que o sentido do trabalho e da salvação em comum, são os sacrifícios necessários do indivíduo à comunidade e das comunidades presentes aos amanhães melhores, terão a primazia sobre a reivindicação egocêntrica e imediata” (SEVERINO, 1983, p. 72).

A liberdade, em Mounier, portanto, não pode ser somente encarada como ruptura, conquista da autonomia. Liberdade é adesão. Eis porque ela “não é o ser da pessoa, mas o modo como a pessoa é tudo o que é, e é-o mais plenamente do que por necessidade” (MOUNIER, 1960, p. 119). Neste

sentido, a liberdade pessoal não é, de modo algum, desligada da existência comunitária das pessoas. A liberdade assim tomada não constitui anarquia, porque é adesão, é compromisso, uma vez que o ser humano “só se liberta libertando”.

CONCLUSÃO

Esta investigação tinha por objetivo central verificar a possibilidade e os condicionamentos da liberdade em Mounier. Procurando sempre se libertar de visões redutoras do ser humano, Mounier propõe uma nova noção de pessoa, buscando contemplá-la para além de suas manifestações exteriores. O libertar-se de interpretações enviesadas, contudo, sempre exige um grande esforço, pois, sabe-se que é mais difícil se libertar de uma crença do que de aderir uma nova. Por isso, toda a exposição de noção de pessoa e, conseqüentemente, de liberdade em Mounier, é acompanhada de uma constante crítica a concepções redutoras do ser humano.

A pessoa, segundo Mounier, possui duas dimensões fundamentais: imergência e emergência. Essa dialética entre imanência e transcendência constitui uma das mais altas expressões do personalismo de Mounier. O espírito humano é limitado, imerso na natureza por uma série de determinismos. Mas, para além de sua imergência, o ser humano é capaz de transcendência. O ser humano pode viver e, de certa forma, tem tendência de viver no nivelamento, no divertimento, na má-fé, na alienação, na inautenticidade, estados de vida que diversos filósofos denominaram como sendo estados de despersonalização, mas também é capaz de abarcar o universo, de ripostar, de transcender, de lançar luz nos mais recônditos rincões do universo.

É nesta noção de pessoa que se dá a liberdade humana. A liberdade, em Mounier, está em profunda relação com a condição global da pessoa. A liberdade encontra-se estreitamente ligada com os condicionamentos humanos e, por isso, é sempre condicionada. Não se trata de uma espontaneidade vital nem de uma lacuna nos condicionamentos, tal como muitas vezes se tem pretendido, mas de um chamado à libertação. A liberdade precisa ser conquistada, conclamada, invocada e após todo este esforço, precisa ser re-conquistada, re-conclamada, re-invocada, pois toda libertação traz em seu bojo a alienação.

Este otimismo trágico, este clima de elevação e queda que, para muitos, poderia parecer negação do ser humano, é a sua maior grandeza. Da mesma forma como a limitação humana tem sido expressa por Kant na *Crítica da Razão Pura*, “a pomba ligeira agitando o ar com seu livre voo, cuja resistência sente, poderia imaginar que seu voo fosse mais fácil no vácuo” sem se dar conta que

é a própria resistência do ar que lhe possibilita voar, assim também muitas vezes não se percebe que é justamente a limitação que faz do ser humano um ser capaz de transcender, de amar e, enfim, capaz de liberdade.

Depois de percorrido este caminho, tem-se a convicção, por um lado, de que os objetivos da investigação foram alcançados e, por outro, do quando ainda falta percorrer. Sabe-se que o binômio pessoa e comunidade foi fonte inspiradora de toda a temática de Mounier. Além do mais, a própria liberdade humana somente pode ser compreendida na sua existência comunitária. A relação desse binômio, contudo, não tem sido contemplado em sua amplitude e, portanto, pode vir a ser objeto de uma nova investigação.

REFERÊNCIAS

- MOUNIER, Emmanuel. *O personalismo*. Trad. João Benard da Costa. Lisboa: Moraes, 1960.
- _____. *Introdução aos existencialismos*. Trad. João Benard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1963.
- LORENZON, Alino. *Atualidade do pensamento filosófico de Emmanuel Mounier*. Ijuí: Unijuí, 1996.
- RUEDELL, Aloísio. *Lições políticas para a América Latina: um estudo do pensamento político de E. Mounier*. Canoas: La Salle, 1985.
- SEVERINO, A. J. *Pessoa e existência: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez, 1983.